

Introdução

“Como pode um peixe vivo / Viver fora da água fria?...” (Milton Nascimento, Peixe Vivo)

Há anos que a situação de emergência planetária me chama a atenção. No cerne da questão ambiental está a necessidade de mudança da forma como os seres humanos se relacionam com a natureza. Somos a única espécie que, deliberadamente, destrói seu habitat e também o das demais espécies – e isso sempre me causou perplexidade. Tenho me perguntado: como pode o ser humano não sentir-se parte do mundo natural? Mas, para chegar até aqui e falar sobre esta pesquisa, preciso narrar brevemente minha história. Pois, na pesquisa está impressa a marca da minha vida, quem eu sou e no que acredito, como “a mão do oleiro na argila do vaso” (Benjamin, 1985a:205).

Sou psicóloga, formada pela PUC-Rio em 2002 e, ainda na faculdade, comecei a me aproximar da área de Educação ao receber crianças, encaminhadas pelas escolas, para atendimento psicoterápico. Intrigavam-me as queixas escolares, que pareciam esperar que a Psicologia desse um jeito no comportamento das crianças para que não causassem mais problemas. Além disso, as queixas escolares não diziam respeito a graves questões psíquicas, mas enunciavam dificuldades na relação – das crianças entre si, das crianças com a escola, das famílias com a escola.

Enquanto profissional que tinha por princípio compreender e respeitar a singularidade humana, ficava com a impressão de que as escolas tinham dificuldade em lidar com a diferença, e tentavam homogeneizar as subjetividades das crianças – recorrendo à psicóloga, que mais parecia ser compreendida como um bombeiro chamado para apagar um incêndio. Comecei a suspeitar que o olhar dado pelas escolas à dimensão afetiva das crianças era diferente do olhar direcionado às dimensões cognitiva e motora. Comecei a refletir, também, sobre a cisão entre razão *versus* emoção e corpo *versus* mente. Esses questionamentos levaram-me a buscar na Psicologia e na Dança, parte importante da minha vida, uma forma de contribuir para essa mudança. Com uma amiga, também psicóloga, iniciei um projeto em uma escola

municipal da rede pública do Rio de Janeiro. As atividades combinavam a Psicologia à Dança, buscando ajudar as crianças a compreender melhor sua subjetividade – seu corpo, pensamentos, sentimentos e desejos.

O interesse em conhecer melhor a área da Educação levou-me a cursar em 2004, também na PUC-Rio, a “Especialização em Educação Infantil: Perspectivas de trabalho em creches e pré-escolas” – que foi fundamental na minha formação. Neste curso, comecei a compreender questões caras à Educação: das concepções de infância, políticas públicas e trajetória histórica da Educação, à problematização das práticas cotidianas. A monografia apresentada no final de 2005, intitulada “Boneco de Lata: Um olhar sobre o lugar do desenvolvimento da afetividade na Educação Infantil”¹, foi motivada pelos questionamentos referentes ao espaço que a dimensão afetiva do desenvolvimento² ocupa na escola, não privilegiados como as dimensões cognitiva e motora. Essas reflexões levaram à realização de um trabalho a partir da análise dos relatórios de uma professora de Educação Infantil sobre três crianças de dois anos, nos quais foi possível perceber sua prática profissional e seu olhar sobre o processo de desenvolvimento infantil.

Após a Especialização, comecei a participar de um grupo de estudos baseado nas reflexões da tese defendida pela Profa. Léa Tiriba: “Infância, escola e natureza”. Este grupo de estudos, hoje, constitui o NIMA-Edu, o Setor de Educação Ambiental do NIMA – Núcleo Interdisciplinar de Meio Ambiente/PUC-Rio. Estudar com esse grupo me possibilitou compreender as bases filosóficas e históricas que estão no cerne do modelo de sociedade ocidental atual - que, em última instância, divorcia não somente corpo de mente e razão de emoção, mas divorcia também ser humano de natureza. A visão de que somos seres de cultura se sobrepõe à visão de que somos, também, seres de natureza (Tiriba, 2006). Além disso, este percurso de estudo possibilitou-me conhecer autores que fazem uma crítica ao paradigma vigente e trazem propostas para um modelo diferente de relações do ser humano consigo, entre os seres humanos, e entre seres humanos e natureza.

Nesse caminho de interlocução, fui compreendendo que o aspecto que me chamou a atenção ainda estagiária, relacionada ao cotidiano escolar, era somente a

¹ Orientada por Daniela Guimarães.

² Referência à concepção walloniana de desenvolvimento, na qual as dimensões afetiva, cognitiva e motora do desenvolvimento são indissociáveis e afetam-se mutuamente.

ponta do iceberg de uma questão mais ampla, profunda e reflexo da estrutura histórico-filosófica sobre a qual foi construída a sociedade ocidental. Assim, tenho tentado ligar os pontos e articular Educação Ambiental e Educação Infantil, procurando refletir sobre a forma que a Educação tem abordado a questão ambiental, e como ela precisa abraçar concepções e materializá-las em práticas coerentes com a atual necessidade planetária.

Sempre gostei de estudar. Na verdade, sempre fui muito curiosa – e essa curiosidade me move. Também a partir de experiências iniciais de docência, o mestrado foi o caminho que naturalmente deu continuidade ao meu percurso profissional. No mestrado inseri-me no grupo de pesquisa INFOC³, onde tenho tido muitas possibilidades: de conhecer novos autores com os quais dialogar; de participar de uma pesquisa de grande porte; de partilhar ricas reflexões com os colegas e, também, de articular as questões ambientais à discussão do grupo.

O presente trabalho, portanto, é fruto de uma pesquisa que vem sendo concebida antes mesmo da minha entrada no mestrado, e que foi amadurecendo ao longo dos últimos dois anos pela participação no grupo INFOC, ao qual está institucionalmente vinculado. Meu desejo foi investigar a relação entre crianças e natureza: compreender as concepções da escola e das crianças sobre a natureza, bem como as relações estabelecidas entre crianças e natureza no contexto escolar. É um estudo de orientação etnográfica, embasado na sociologia da infância, numa perspectiva de pesquisa *com* crianças. Esta pesquisa dialoga também com autores dos campos da Filosofia e da Psicologia do desenvolvimento e é um desdobramento da minha trajetória de estudo. Desejo que leve a uma compreensão mais ampliada a respeito das questões da infância, no contexto de urgência planetária em que a humanidade se encontra.

No primeiro capítulo, a dissertação apresenta os caminhos percorridos na sua construção. Aborda a definição do objeto de estudo, objetivos, autores parceiros de diálogo nesta jornada, e também o contato com o campo, contextualizando-o. O segundo capítulo procura traçar um panorama dos contextos pedagógico, cultural e das práticas cotidianas da instituição onde foi realizada a pesquisa.

³ O grupo de pesquisa “Infância, Formação e Cultura” é formado por uma equipe interinstitucional, sendo coordenado pelas Profas. Sonia Kramer (PUC-Rio), Maria Fernanda Rezende Nunes (Unirio) e Patricia Corsino (UFRJ). O grupo conta com a participação de alunos da graduação, especialização, mestrado e doutorado.

No terceiro capítulo, é enfocada especificamente a questão da natureza – como aparece fisicamente na escola, como é apresentada às crianças e o que as crianças dizem a seu respeito. Por fim, nas considerações finais teço algumas reflexões gerais e coloco minhas impressões.

Espero que tenha conseguido dar mais um passo na compreensão das questões da Educação Infantil e da Educação Ambiental, contribuindo para a realização desta necessária aproximação.